



Retórica de anexação e a política de força: EUA, Gronelândia e o retorno do imaginário imperial

Publicado em 2026-01-07 10:56:07



Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Washington sobre “adquirir” a Gronelândia, com referência pública a que o uso de força/militar “é sempre uma opção”.

- **Reacção:** rejeição e preocupação por parte de aliados europeus, dado tratar-se de território associado ao Reino da Dinamarca (aliado NATO).
- **Enquadramento institucional EUA:** o Presidente tem margem executiva, mas existe arquitectura de controlo (Congresso, War Powers, tribunais, orçamento, opinião pública, aliados).
- **Enquadramento jurídico internacional:** proibição da ameaça/uso da força (Carta da ONU, art. 2.º/4) e princípio da autodeterminação (Carta da ONU, art. 1.º/2).
- **Valor estratégico:** o Ártico (rotas, vigilância, dissuasão, minerais críticos) e a presença militar dos EUA na Gronelândia (Pituffik Space Base).
- **Tese central:** o perigo maior não é apenas “uma invasão amanhã”, mas a normalização do princípio: “se temos força, temos direito”.



Gronelândia e o retorno do imaginário imperial

Quando a coerção territorial volta a ser dita em voz alta por quem detém a maior capacidade militar do planeta, a questão deixa de ser apenas “o que ele quer” e passa a ser “o que o sistema permite, tolera e normaliza”. A ordem internacional não morre num único acto — morre na repetição de actos que deixam de chocar.

Resumo (abstract)

Este ensaio analisa a retórica recente de anexação/“aquisição” da Gronelândia e a sua conexão com uma reorientação hemisférica (doutrinas de influência no “quintal” americano), procurando responder a três perguntas: (i) até que ponto um Presidente dos EUA pode traduzir retórica coerciva em ação; (ii) quais os efeitos de tal discurso na NATO e no direito internacional; (iii) que cenários plausíveis emergem para a trajectória dos EUA e para a ordem euro-atlântica. O argumento central sustenta que a maior ameaça é a normalização do princípio de coerção

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

1. Introdução: retórica de força como indicador de ciclo político

Em política internacional, a linguagem não é mera decoração; é muitas vezes pré-condição de possibilidade. Quando um líder fala de anexar, comprar, pressionar ou “tomar” territórios, está a testar três coisas: (a) a reacção do sistema interno; (b) a elasticidade das alianças; (c) o limiar de tolerância moral da opinião pública.

A retórica de força tem, historicamente, duas funções: dissuadir adversários e mobilizar bases internas. No contexto actual, ela desempenha também uma terceira: reintroduzir um imaginário imperial num mundo em que, formalmente, a soberania e a integridade territorial são normas fundacionais do pós-1945.

2. O que está em causa na Gronelândia: geoestratégia, não capricho

A Gronelândia é um ponto de convergência de quatro vectores: (1) defesa e vigilância no Ártico/Atlântico Norte; (2) competição com Rússia e China em rotas e projecção polar; (3) recursos e minerais críticos; (4) arquitectura de alianças no Norte. O factor (1) é materializado pela presença

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Importa notar um paradoxo: os EUA já possuem instrumentos de presença militar por via de acordos com a Dinamarca; logo, a vontade de “aquisição” não é apenas operacional — é simbólica e política: sinaliza domínio e reduz espaço de manobra do aliado, convertendo cooperação em assimetria.

3. Direito internacional: a norma que impede a selva (e o custo de a violar)

O núcleo normativo do pós-guerra está consagrado na Carta das Nações Unidas: a proibição de ameaça ou uso da força contra a integridade territorial ou independência política de qualquer Estado (art. 2.º/4) e o princípio da autodeterminação dos povos (art. 1.º/2). A retórica de coerção territorial entra, por definição, em fricção com esta arquitectura.

Mesmo quando se tenta reembalar a intenção em linguagem “transaccional” (compra, estatuto especial, compactos de associação), a presença do “ou então...” (ameaça de força) reconfigura o acto: deixa de ser negociação, passa a ser coerção. E a coerção é o veneno das alianças: o aliado coagido coopera menos e prepara-se mais.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

institucional. Em termos formais, o Presidente é Comandante-em-Chefe, mas o Congresso detém poderes decisivos: declaração de guerra, autorizações (AUMF), orçamento e fiscalização. A **War Powers Resolution** estabelece mecanismos de notificação e limites temporais para acções sem autorização legislativa, criando uma janela para o Congresso autorizar, limitar ou travar a continuidade.

Porém, a prática histórica norte-americana revela ambiguidade: presidentes têm interpretado “hostilidades” e “necessidade” de modo elástico, e o Congresso nem sempre usa a sua arma mais poderosa — o orçamento — por custos políticos. Assim, o verdadeiro travão é um triângulo: (i) resistência interna (Congresso/tribunais), (ii) custo mediático e eleitoral, (iii) custo aliado (NATO/UE).

5. NATO: quando a coerção é dirigida a um aliado, a aliança apodrece por dentro

A Gronelândia está ligada ao Reino da Dinamarca, membro da NATO. Um discurso de anexação dirigido a um aliado cria um precedente devastador: se a integridade territorial de um aliado é negociável sob ameaça, então a promessa implícita de protecção e respeito mútuo perde credibilidade.



aumenta o incentivo europeu a reduzir dependências, acelerar autonomia estratégica e diversificar garantias.

6. O Hemisfério Ocidental e o retorno do velho léxico: Monroe, corolários e “zona de influência”

Em paralelo com o eixo ártico, observa-se a reactivação do discurso hemisférico: o Hemisfério Ocidental como espaço de primazia. Historicamente, a Doutrina Monroe (1823) nasce como aviso a potências europeias contra colonização e interferência; ao longo dos séculos, foi reinterpretada e expandida, por vezes como justificação de intervenções.

As referências contemporâneas à Doutrina Monroe e à sua “revitalização” tendem a deslocar o foco do princípio (não-intervenção europeia) para um corolário prático: “a América é esfera de influência de Washington”. Na linguagem geopolítica, isto equivale a um retorno explícito à lógica de zonas de influência — precisamente a lógica que o direito internacional pós-1945 tenta domesticar.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

7.1 Cenário A — Retórica como teatro

(contenção institucional)

A retórica funciona como instrumento de mobilização interna, mas encontra resistência efectiva: Congresso endurece limites, aliados apresentam custos claros, e o aparelho militar reforça prudência. Resultado: não há alteração material de fronteiras; há apenas degradação moderada de confiança.

7.2 Cenário B — Normalização do

“bullying” (coerção sem invasão)

Sem invasão “clássica”, surge uma prática de coerção sistemática: sanções, chantagem tarifária, pressão sobre governos, ameaças “no limite” e acordos arrancados por assimetria. Este cenário é particularmente corrosivo porque muda o comportamento dos actores sem exigir o custo extremo de guerra aberta.

7.3 Cenário C — Escalada por acidente (o

mais perigoso)

Um incidente no Ártico, um choque naval, um erro de cálculo numa operação hemisférica, ou uma provocação



8. Para onde vão os EUA? Hegemon temido vs. hegemon respeitado

O poder americano sempre combinou força material com poder normativo (a capacidade de liderar por regras, alianças e consentimento). Quando a coerção territorial se torna linguagem admissível, o poder normativo colapsa e resta a força material — que é poderosa, mas mais cara, mais instável e mais contestada.

Um hegemon respeitado obtém cooperação com baixo custo. Um hegemon temido obtém obediência temporária com alto custo. A passagem de um para outro é, muitas vezes, o marcador de impérios em fase tardia: mais músculo, menos legitimidade; mais imposição, menos liderança.

Conclusão

A questão “os EUA e o Senado alinharam nisto?” não tem resposta binária. Institucionalmente, existem travões; politicamente, esses travões dependem de coragem, coesão e custo. Geopoliticamente, a retórica coerciva dirigida a aliados é particularmente autodestrutiva: mina a NATO, valida narrativas rivais e acelera a fragmentação da ordem liberal.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

intervalo entre crises. E os intervalos, como bem sabemos, também matam.

Referências (seleccionadas)

1. Reuters (6 Jan 2026) — opções para “adquirir” a Gronelândia e referência a opção militar (via Reuters).
<https://www.reuters.com/world/trump-advisers-discussing-options-acquiring-greenland-us-military-is-always-an-2026-01-06/>
2. AP News (7 Jan 2026) — reacção europeia e enquadramento da opção militar como “sempre uma opção”.
<https://apnews.com/article/c5995b27ac8aee84d0064991c86d633e>
3. Carta das Nações Unidas (texto integral) — art. 2.º/4 (ameaça/uso da força) e princípios gerais.
<https://www.un.org/en/about-us/un-charter/full-text>
4. Carta das Nações Unidas — Capítulo I (artigos 1–2), incluindo princípio da autodeterminação (art. 1.º/2).
<https://www.un.org/en/about-us/un-charter/chapter-1>

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

<https://www.congress.gov/crs-product/1F13134>

6. U.S. Space Force (6 Abr 2023) — renomeação de Thule Air Base para Pituffik Space Base.

<https://www.spaceforce.mil/news/article/3355840/thule-air-base-gets-new-name/>

7. U.S. Department of State – Office of the Historian — Doutrina Monroe (contexto e conceitos: esferas, não-colonização, não-intervenção).

<https://history.state.gov/milestones/1801-1829/monroe>

8. National Archives — documento e síntese histórica da Doutrina Monroe (1823).

<https://www.archives.gov/milestone-documents/monroe-doctrine>

9. AP News (Jan 2026) — Doutrina Monroe no contexto da política hemisférica contemporânea.

<https://apnews.com/article/e5581d71ea15f2fb02461e74ac6bo8ca>

Francisco Gonçalves

Ensaio geopolítico para **Fragmentos do Caos**

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.



Fragmentos do Caos: [Blogue](#) • [Ebooks](#) • [Carrossel](#)

👁 Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)